

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2025-07-31

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Marques, E. G. & André, P. (2024). As exposições nacionais de floricultura (1940-1962) e as exposições de arquitetura paisagista (1953-1966): Das ações da câmara municipal de Lisboa à formação da primeira geração de arquitetos paisagistas. In Paula André (Ed.), *Laboratorio colaborativo: Dinâmicas urbanas, património, artes: X seminário de investigação, ensino e difusão*. (pp. 195-226). Évora: DINÂMIA'CET-Iscte.

Further information on publisher's website:

<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/32388>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Marques, E. G. & André, P. (2024). As exposições nacionais de floricultura (1940-1962) e as exposições de arquitetura paisagista (1953-1966): Das ações da câmara municipal de Lisboa à formação da primeira geração de arquitetos paisagistas. In Paula André (Ed.), *Laboratorio colaborativo: Dinâmicas urbanas, património, artes: X seminário de investigação, ensino e difusão*. (pp. 195-226). Évora: DINÂMIA'CET-Iscte.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

As Exposições Nacionais de Floricultura (1940-1962) e as Exposições de Arquitetura Paisagista (1953-1966): das ações da Câmara Municipal de Lisboa à formação da primeira geração de arquitetos paisagistas

Elodie Marques

DINÂMIA'CET-Iscte
Iscte-Instituto Universitário de Lisboa
Elodie_Marques@iscte-iul.pt

Paula André

DINÂMIA'CET-Iscte
Iscte-Instituto Universitário de Lisboa
paula.andre@iscte-iul.pt

Resumo: Reconhecendo o interesse renovado pelos jardins e a necessidade de recursos humanos especializados na Repartição de Jardinagem da Câmara Municipal de Lisboa, e valorizando a importância de Francisco Caldeira Cabral (1908-1992) na criação do Curso Livre de Arquitetura Paisagista, o presente ensaio centra o seu estudo na articulação entre a ação camarária, o ensino da Arquitetura Paisagista, e a realização em Lisboa das Exposições Nacionais de Floricultura (1940-1962) e das Exposições de Arquitetura Paisagista (1953-1966). A Repartição de Jardinagem da Câmara Municipal de Lisboa foi fundamental na promoção e gestão dos espaços verdes da cidade, refletindo o crescente interesse público na preservação e valorização dos jardins urbanos, e contribuindo significativamente para o envolvimento de técnicos especializados. Com a criação do Curso Livre de Arquitetura Paisagista, no Instituto Superior de Agronomia, em Lisboa, aprovado pelo Ministério da Educação Nacional, em 1942, foi-se preparando profissionais capacitados para transformar as paisagens urbanas, com conhecimentos e práticas inovadoras no campo da Arquitetura Paisagista. Neste contexto realizaram-se Exposições Nacionais de Floricultura, organizadas pela Câmara Municipal de Lisboa, amplamente difundidas em diversos suportes (Publicações periódicas, Folhetos, Catálogos, Documentários) reveladoras do interesse e do empenho na promoção dos jardins e da floricultura. Com a sedimentação do Curso Livre de Arquitetura Paisagista, as Exposições de Arquitetura Paisagista foram vitais para a disseminação das técnicas e das melhores práticas da modernidade internacional promovendo um diálogo contínuo entre a tradição e a modernidade, e realçando a importância da valorização da paisagem urbana na relação entre o homem e a natureza.

Palavras-chave: Francisco Caldeira Cabral, Curso Livre de Arquitetura Paisagista, Exposições Nacionais de Floricultura, Exposições de Arquitetura Paisagista

Introdução

O presente estudo “As Exposições Nacionais de Floricultura (1940-1962) e as Exposições de Arquitetura Paisagista (1953-1966): das ações da Câmara Municipal de Lisboa à formação da primeira geração de arquitetos paisagistas” procura estabelecer a articulação entre a ação camarária nos domínios da jardinagem, a partir da década de 1930, o ensino da Arquitetura Paisagista em Portugal, a partir de 1940, e a realização em Lisboa das Exposições Nacionais de Floricultura (1940-1962) e das Exposições de Arquitetura Paisagista (1953-1966).

A história de Portugal e da sua capital no século XX é profundamente marcada, temporal e politicamente pela implantação do Estado Novo (1933-1974). Conforme destaca Heloísa Paulo, com a ascensão dos estados fascistas a propaganda e a censura são as armas mais utilizadas pelos regimes para obter o “consenso” da sociedade em torno das suas propostas.¹ Neste sentido, a materialização da modernidade nos domínios da integração da natureza na cidade, que vinha sendo tomada desde o século XIX², tomaram um novo ímpeto. De acordo com Aurora Santos, com a reorganização dos serviços municipais de Lisboa na transição da República para o Estado Novo³, presenciava-se uma nova fase nos domínios da natureza e da jardinagem.

A atenção dada à reintegração da natureza na cidade, e a sua ligação a ideias políticas, ao planeamento urbano, à criação e uso de jardins públicos e às questões de biodiversidade, ecologia e sustentabilidade, são algumas das ações tomadas pela CML (Câmara Municipal de Lisboa), denotando um cuidado particular com a higiene, bem como com as preocupações sociais ligadas ao recreio e lazer e a criação de espaços verdes e arborizados.⁴

Considera-se que as Exposições Nacionais de Floricultura, iniciadas pela CML em parceria com o ISA (Instituto Superior de Agronomia), fomentaram a interação entre o discurso científico e a propaganda nacional, promovendo a ideologia do Estado e os valores do regime nos diferentes estratos sociais. Este ensaio revelará a profunda ligação entre as Exposições Nacionais de Floricultura e a profissão de Arquitetura Paisagista através de Francisco Caldeira Cabral, o primeiro arquiteto paisagista português. Ao aproximar-se da política do regime, por via da influência alemã – onde estudou, dedicou-se à criação do programa de estudos de Arquitetura Paisagista em Portugal⁵ e à promoção e divulgação desta nova disciplina.

¹PAULO, Heloísa – **Estado Novo e propaganda em Portugal e no Brasil. O SPN/SNI e o DIP.** Coimbra: Livraria Minerva (1994), p.15.

²MARQUES, Teresa Dulce Portela – **Dos jardineiros paisagistas e horticultores do Porto de Oitocentos ao modernismo na arquitectura paisagista em Portugal.** Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, 2009. Tese de doutoramento em arquitectura paisagista.

³SANTOS, Aurora – A Câmara Municipal de Lisboa na transição da República para o Estado Novo: as reorganizações dos serviços municipais (1925-1938). In **Cadernos do Arquivo Municipal.** Lisboa: Camara Municipal de Lisboa, 2007. Serie I, vol.9, p.147-162.

⁴RODRIGUES, Ana Duarte - **O triunfo dos jardins. O pelouro dos passeios e arvoredos de Lisboa (1840-1900).** Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal (2020), p.23.

⁵Sobre o ensino de Arquitetura Paisagista ver ANTUNES, Ana Catarina Dias Santos – **A influência alemã na génese da Arquitetura Paisagista em Portugal.** Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2019. Tese de doutoramento em arquitectura paisagista e ecologia urbana. ALEGRIA, Cristina do Amaral Tavares Proença – **O modernismo na arquitetura e na arquitetura paisagista em Portugal: Projetos conjuntos, ideias, contextos, formas.** Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2012. Dissertação de mestrado em arquitetura.

O ensaio mostrará de que modo se foi divulgando a Arquitetura Paisagista através dos serviços camarários por via da Repartição de Arborização e Jardinagem, das Exposições Nacionais de Floricultura, intercalando-se com a propaganda da ditadura, e através da dinamização de Exposições da especialidade.

Procurando estabelecer um valor histórico e discursivo analisam-se fontes primárias - publicações periódicas, artigos, anotações, folhetos, catálogos e documentários - publicadas na imprensa e nos meios da espacialidade, desenvolvendo-se a análise a partir de quatro momentos no panorama da cultura da Arquitetura Paisagista em Portugal e que estruturam este estudo.

Assim, na primeira parte *A Repartição de Jardins da Câmara Municipal de Lisboa* estabelece-se a análise e reflexão em torno das ações camarárias, que por via das dinâmicas internacionais, motivaram a formação e integração de técnicos especializados, nos quais se destacam os arquitetos paisagistas.⁶ Neste sentido, na segunda parte sobre a *Criação do Curso Livre de Arquitetura Paisagista*, no Instituto Superior de Agronomia, em Lisboa procura-se introduzir esta disciplina inserindo-a no debate internacional em torno da integração da natureza nas cidades. Na terceira parte procura-se analisar as *Exposições Nacionais de Floricultura* revelando a sua relação com a ideologia do regime e a divulgação da Arquitetura Paisagista. Na quarta parte reflete-se sobre as *Exposições de Arquitetura Paisagista* que foram vitais para a disseminação da evolução das técnicas e das melhores práticas da modernidade internacional promovendo um diálogo contínuo entre a tradição e a modernidade, realçando a importância da valorização da paisagem urbana na relação entre o homem e a natureza. Deste modo, o valor histórico e discursivo destes quatro momentos visam revelar a sua importância enquanto reflexão relevante para a cultura da Arquitetura Paisagista no século XX.

A Repartição de Jardinagem da Câmara Municipal de Lisboa

Conforme refere Sousa Viterbo, a arte da jardinagem é uma das mais remotas que se conhece, perdendo-se talvez a sua origem.⁷ Em Lisboa, a partir da década de 1930, o papel da ação camarária vai constituir-se como suporte para um período de promoção e gestão dos espaços verdes na cidade, refletindo o crescente interesse público na preservação e valorização dos jardins urbanos, e contribuindo significativamente para a formação e o envolvimento de técnicos especializados. Por via das dinâmicas internacionais de integração da natureza na cidade, segundo Francisco Caldeira Cabral, em 1935 “apenas restavam os ecos cada vez mais longínquos do século XIX e por outro lado pedia-se à profissão de jardineiro novos voos para regiões até nem entrevistadas”.⁸ O professor, do ISA, André Navarro (1904-1989), sabendo que a CML procurava novos técnicos, alertou o seu aluno, de engenharia agrónoma, Francisco Caldeira Cabral para esta oportunidade. Neste período o, também, professor, do ISA, Ruy Mayer (1888-1959) aconselhou-o a ler um artigo sobre *Landscape Architecture* na *Encyclopedia Britannica* (1929) que tomando a definição de Charles Eliot (1834-1926), antigo presidente da

⁶CAMARA, Maria Teresa – **Contributos da Arquitetura Paisagista para o espaço público de Lisboa (1940-1970)**. Porto, Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2015. Tese de doutoramento em arquitetura paisagista e ecologia urbana.

⁷VITERBO, Sousa - **A jardinagem em Portugal. Apontamentos para a sua história**. Coimbra: Imprensa da universidade (1906), p.5.

⁸CABRAL, Francisco Caldeira – A profissão de Arquitectos Paisagistas: Sua evolução. **Jornal da Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas**. Lisboa: Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas. Nº 0 (junho 1984).

Universidade de Harvard, definia a Arquitetura paisagista da seguinte forma: “A Arquitetura Paisagista é principalmente uma arte e, como tal, a sua função mais importante é criar e preservar a beleza no entorno das habitações humanas e no cenário natural mais amplo do país; mas também se preocupa em promover o conforto, a comodidade e a saúde das populações urbanas”⁹.



Figura 1, DEAN, Ruth – Landscape Architecture. In *The Encyclopaedia Britannica – Fourteenth Edition*. Londres: The Encyclopaedia Britannica Company. Volume 13 (1929), p.659-669.
<https://ia902904.us.archive.org/11/items/in.ernet.dli.2015.77516/2015.77516.The-Encyclopaedia-Britannica-14th-Edition-Vol-13.pdf>

⁹DEAN, Ruth – Landscape Architecture. In *The Encyclopaedia Britannica – Fourteenth Edition*. Londres: The Encyclopaedia Britannica Company. Volume 13 (1929), p.659.

O mesmo artigo, referia os tipos de problemas que se colocavam no campo da Arquitetura Paisagista em várias partes do mundo, compreendendo uma diversidade imensa, desde: propriedades privadas, urbanas e rurais; clubes de campo, campos de golfe, hotéis e acampamentos; terrenos de hospitais e instituições similares, universidades, faculdades e escolas; unidades fabris e estabelecimentos comerciais; terrenos ferroviários; terrenos de edifícios nacionais e cívicos; exposições; recintos de feiras e parques de diversões; concertos ao ar livre e jardins de chá, cervejarias e restaurantes ao ar livre; jardins zoológicos, jardins botânicos; cemitérios; toda a gama de instalações recreativas ao ar livre – desde grandes reservas cénicas ou florestais e parques nacionais, passando por parques urbanos, parques infantis, parques desportivos e áreas para desportos especiais; e também orlas recreativas (mar, lago ou rio); além disso, também o loteamento de terras e problemas maiores de planeamento urbano, regional e até nacional, incluindo sistemas de parques e vias públicas, para lazer, tráfego, e para uso apropriado.¹⁰ A capacidade de composição da Arquitetura Paisagista, descrita neste artigo, a par das técnicas de jardinagem¹¹ fez com que Francisco Caldeira Cabral percebesse que a Câmara não “queria” um jardineiro, mas sim um Arquiteto Paisagista (profissão desconhecida na CML). É neste enquadramento que Caldeira Cabral parte para Berlim, em dezembro de 1936, para estudar Arquitetura Paisagista.

Neste período, os *Anuários da Câmara* e os *Anais do Município de Lisboa*, publicados a partir de 1935 são reveladores dos ajustes técnicos e das ações realizadas. A Repartição de Cemitérios e Jardins passando a ser chefiada, em 1936, por Jorge de Mendonça Côrte Real (1892-1960) beneficiou das orientações do “ilustre Engenheiro-Agrônomo Sr. André Navarro”¹², convidado pela Comissão Administrativa para orientar superiormente os serviços da Repartição de Cemitérios e Jardins. Mas as grandes realizações viriam em 1938, quando Duarte Pacheco (1899-1943) se tornou presidente da CML. O seu mandato foi curto, tal como a sua existência, mas, completo de realizações. Criando a Repartição de Arborização e Jardinagem, em março de 1938,¹³ integrada nos Serviços de Urbanização e Obras, chefiada pelo engenheiro silvicultor Jorge Gomes de Amorim (1900-1943), o enfoque da CML foi direcionado no aprovisionamento de viveiros, no tratamento e conservação de jardins e parques, na plantação do Parque Florestal de Monsanto¹⁴ e no arranjo de jardins infantis, criando dentro dos seus ajardinamentos zonas de recreio.

¹⁰DEAN, Ruth – Landscape Architecture. In **The Encyclopaedia Britannica – Fourteenth Edition**. Londres: The Encyclopaedia Britannica Company. Volume 13 (1929), p.660-661.

¹¹MAGALHÃES, Manuela Raposo – Entrevista a Francisco Caldeira Cabral. In Associação Portuguesa dos Arquitetos Paisagistas - **Francisco Caldeira Cabral, memórias do mestre no centenário do seu nascimento**. Lisboa: Argumentum. 2009, p.73.

¹²CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA - **Anuário da Camara Municipal de Lisboa, ano segundo 1936**. Lisboa: S. Industriais da C.M.L., 1937, p.220-221.

¹³CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA - **Anais do Município de Lisboa ano de 1938**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1939.

¹⁴CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA – Parques e Jardins de Lisboa. **Revista Municipal**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Ano I, nº2 (1939) p.65-66.

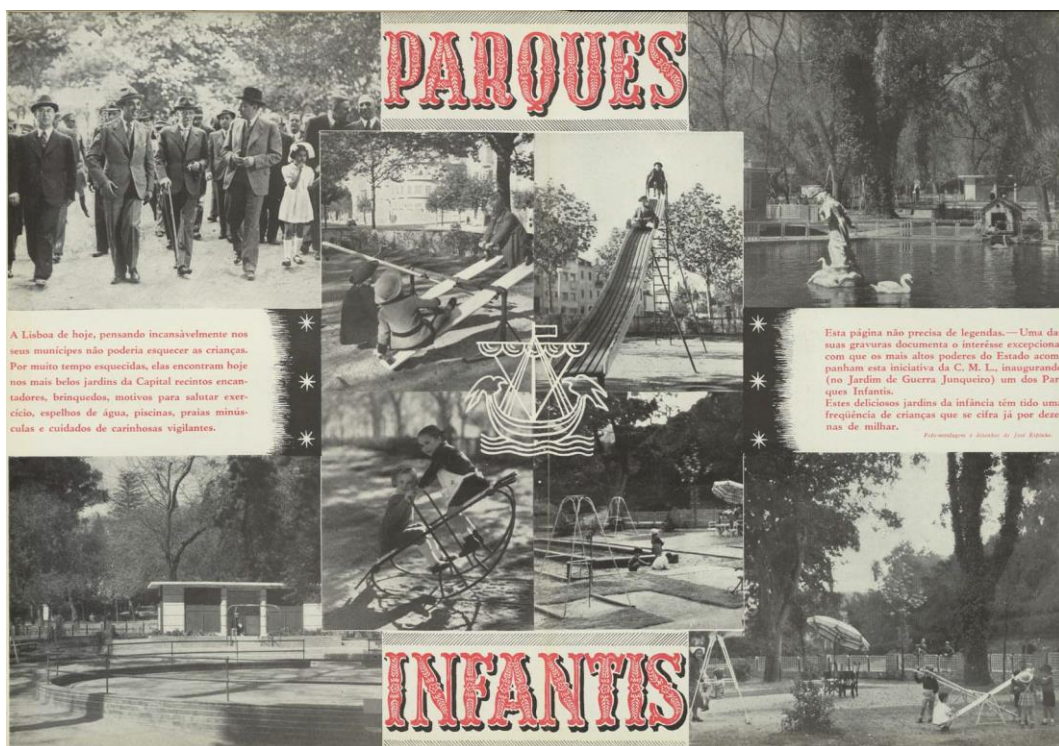


Figura 2, Parques e Jardins de Lisboa, *Revista Municipal*, nº2, 1939, p.64A-64B.

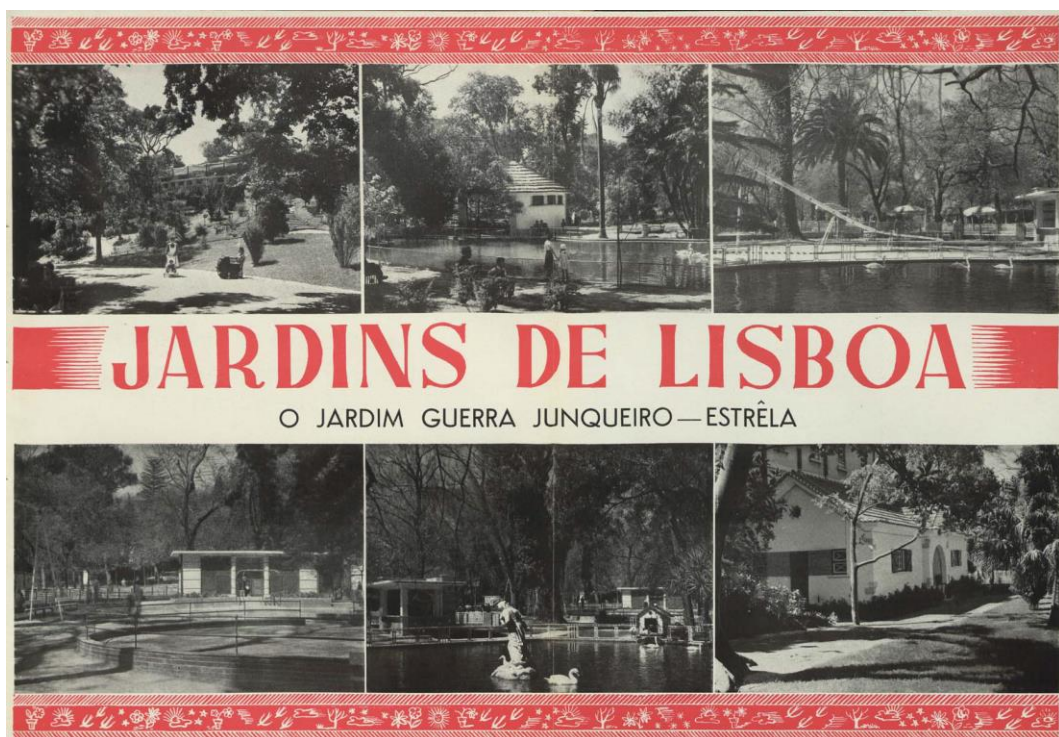


Figura 3, Jardins de Lisboa: O Jardim Guerra Junqueiro – Estrela, *Revista Municipal*, nº10, 1941, p. 38A-38B.



Figura 5, Parques Infantis, in, *Revista Municipal*, 1943, p.95.

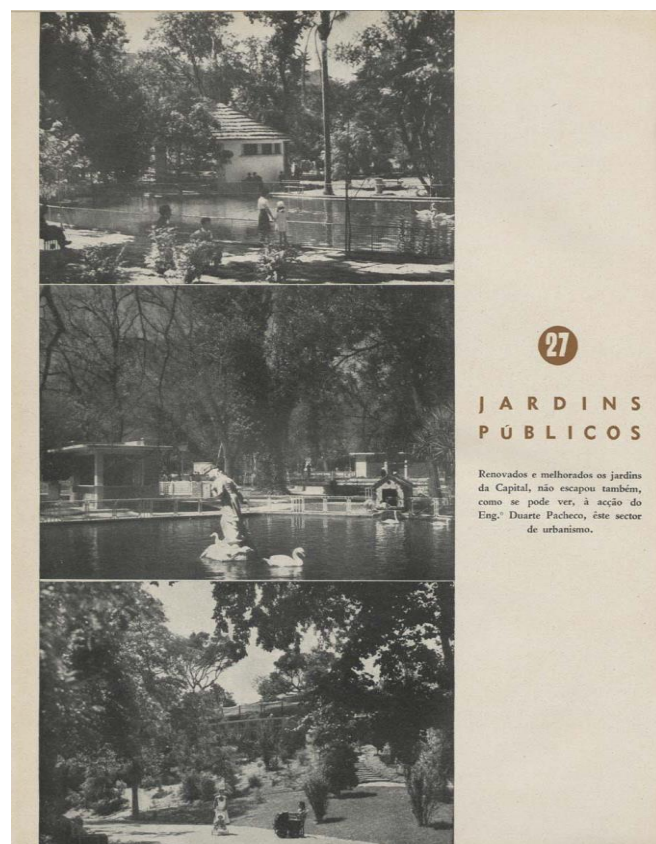


Figura 6, Jardins Públicos, in, *Revista Municipal*, 1943, p.96.

Os viveiros da CML preparavam-se, em 1939, em especial para o Parque Florestal de Monsanto e para os jardins que se construíram ou remodelaram para as comemorações de 1940.¹⁶ A CML, pelos seus serviços de jardinagem, iniciou um processo de apresentação ao público das últimas novidades de flores, realizando exposições de Begónias, de Gloxínias, de Crisântemos, de Dálias, em que se reuniram alguns dos mais belos exemplares obtidos no estrangeiro,¹⁷ e que culminou com a integração da Arte das Floristas e uma exposição dedicada exclusivamente à Floricultura aquando das comemorações do duplo centenário, em 1940. Neste âmbito, realizou-se na Tapada da Ajuda a primeira Exposição Nacional de Floricultura promovida pela CML em colaboração com o ISA, cuja dedicada ação se deveu o ajardinamento da Tapada da Ajuda. No âmbito da Exposição do Mundo Português de 1940, procurou-se demonstrar o carácter nacional, quer através da arquitetura, traços regionais, utensílios de trabalhos, mas também através dos objetos de decoração e adorno dos quais faziam parte as flores.¹⁸



O Sr. Presidente da Câmara inaugura a Exposição de gloxínias, numa estufa do Jardim de Guerra Junqueiro

Figura 7, Inauguração da Exposição de Gloxínias na estufa do Jardim Guerra Junqueiro (Estrela), in *Anais do Município de Lisboa ano de 1939* (1940), p.79.

¹⁶CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA - **Anais do Município de Lisboa ano de 1939**, Lisboa: Camara Municipal de Lisboa, 1940, p.114-115.

¹⁷REVISTA MUNICIPAL - Parques e jardins de Lisboa. **Revista Municipal**. Ano I, nº2 (1939) p.65-66.

¹⁸CASANOVA, Ruy –Exposição do Mundo português. **Panorama: Revista Portuguesa de Arte e Turismo**. Lisboa: Secretariado de Propaganda Nacional. Ano 1, nº1 (junho 1941), p.15-17.



Figura 8, A arte das floristas, in, *Panorama*, nº1, Junho, 1941, p.17.

Criação do Curso Livre de Arquitetura Paisagista, no Instituto Superior de Agronomia, em Lisboa

Francisco Caldeira Cabral, diplomado em Arquitetura Paisagista¹⁹, pela *Friedrich Wilhelm University* (Universidade de Berlim) cria o CLAP (Curso Livre de Arquitetura Paisagista), no ISA, em 1942.

Na Alemanha, o ensino superior de Arquitetura Paisagista em Berlim foi criado em 1929 e teve origem em duas áreas científicas introduzidas nesse ano: a horticultura ornamental (*Gartenbaus*) e o projeto de jardins (*Gartengestaltung*).²⁰ Nos três primeiros semestres do curso eram ensinadas, maioritariamente, as disciplinas do domínio da horticultura, onde se estudavam as técnicas de jardinagem, botânica, noções básicas de produção hortícola, plantas ornamentais e viveiro, projeto e construção de jardins. Para além desta componente hortícola, uma parte do semestre era dedicado à formação artística, através da realização de exercícios de geometria, perspetiva, desenho e teoria da composição e cor. Nos três semestres seguintes, a componente artística ocupava a maior parte do programa de estudos. Aqui dominava o Seminário de Arte dos Jardins, e outras matérias, como o desenho de paisagem, pintura de aquarela, história da arquitetura e exercícios de planeamento urbano. Após a frequência dos três anos e a conclusão com êxito nos exames escritos, no exame oral e na tese final, era obtido o diploma (*Diplom-Gärten*).²¹

Quando Francisco Caldeira Cabral obtém o seu diploma, em 1940, e regressa a Portugal, afirma que: “já tive suficiente tempo para meditar e para saber que, para que a minha

¹⁹Caldeira Cabral, terminou o curso em 1939, orientado por Heinrich Friedrich Wiepking-Jürgensmann (1891-1973), apresentado um trabalho sobre a “Estação Agronómica nacional em Sacavém”.

²⁰ANTUNES, Ana Catarina Dias Santos – **A influência alemã na génese da Arquitetura Paisagista em Portugal**. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2019. Tese de doutoramento em arquitetura paisagista e ecologia urbana, p.114

²¹ANTUNES, Ana Catarina Dias Santos – **A influência alemã na génese da Arquitetura Paisagista em Portugal**. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2019. Tese de doutoramento em arquitetura paisagista e ecologia urbana, p. 117

missão na Alemanha seja proveitosa, é preciso que eu não vá dirigir uma repartição para o que não me sinto vocacionado, mas sim criar uma escola que nos dê colegas para trabalhar connosco.”²² Neste sentido, teve autorização do Conselho Escolar do ISA para iniciar, de forma experimental, um curso de Arquitetura Paisagista, que começou a funcionar em Outubro de 1940,²³ paralelo aos de Agronomia e Silvicultura, ministrado às segundas e sextas das 18h às 20h, com a duração de quatro anos.

Em janeiro de 1941, Francisco Caldeira Cabral, concretizava o primeiro documento oficial para a criação do curso intitulado “Curso Livre de Arquitetura Paisagista - Esboço de Programa”, concebido à luz da sua formação em Berlim. Inspirado pelo curso que frequentou, que advinha da Escola Real de Formação de Jardineiros, na Alemanha, o currículo do CLAP foi estruturado em três eixos fundamentais: artístico, técnico e biológico, incorporando disciplinas de Agronomia e Silvicultura e criando disciplinas de Artes, Urbanismo, Arquitetura Paisagista e História da Paisagem. Por sua vez, o ensino estava organizado em dois departamentos – um de caráter mais teórico e outro de caráter mais artístico e prático.

O seu discurso na tomada de posse do grau de doutor *Honoris Causa*, atribuído pela Universidade de Évora em 1980, evidencia a sua visão acerca da ligação entre a Arquitetura Paisagista, a jardinagem e a outras disciplinas como a Agronomia e a Horticultura, nomeadamente a importância pedagógica do conhecimento prático da profissão, afirmando que a Arquitetura Paisagista é uma arte que nasceu da Jardinagem e que o ensino da “(...) profissão foi durante muitos séculos puramente oficial - aprendia-se fazendo e eram os Mestres que, conforme as tendências dos oficiais e aprendizes, os orientavam neste ou naquele sentido, bem como a própria iniciativa do artista que levava a sua curiosidade a procurar neste ou naquele assunto complementar a sua arte”.²⁴

Com a criação do CLAP, aprovado pelo Ministério da Educação Nacional, a 14 de abril 1942, estabeleceu-se um Curso Livre, até 1981, quando foi transformado em licenciatura. Neste período, foram preparados profissionais capacitados para transformar as paisagens urbanas, com conhecimentos e práticas inovadoras no campo da Arquitetura Paisagista. À geração de Francisco Caldeira Cabral, formada nos anos 1940, no estrangeiro, juntou-se a de Gonçalo Ribeiro Telles, formada em Portugal nos anos 1950. Estas décadas de diferença correspondem aos primeiros técnicos que frequentaram o CLAP e obtiveram o respetivo diploma. Estes foram exercendo a sua atividade em regime de profissão liberal, em organismos do Estado e Câmaras Municipais. Manuel de Azevedo Coutinho (1921-1992), o primeiro aluno a concluir o CLAP, em 1948, Gonçalo Ribeiro Telles (1922-2020), Edgar Sampaio Fontes (1922-2000), António Viana Barreto (1924-2012), Fernando Vaz Pinto (1921-2001), António Roquette Campelo (1924-2010), Ilídio Alves de Araújo (1925-2015) e Alberto Vila-Nova (1927-2002). Dentre estes, iniciaram funções

²²MAGALHÃES, Manuela Raposo – Entrevista a Francisco Caldeira Cabral. In Associação Portuguesa dos Arquitetos Paisagistas - **Francisco Caldeira Cabral, memórias do mestre no centenário do seu nascimento**. Lisboa: Argumentum. 2009, p.75.

²³Documento de Caldeira Cabral dirigido ao ministro da educação nacional, sem data, provavelmente de 1941. In ANDRESEN, Teresa - Três décadas de arquitetura paisagista em Portugal: 1940-1970. In ANDRESEN, Teresa - **Do estádio nacional ao jardim da Gulbenkian. Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1940-1970)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p.43.

²⁴CABRAL, Francisco Caldeira - Lição do Prof. Francisco Caldeira Cabral. In: **Sexto Aniversário da Universidade de Évora Restaurada - Comemoração**. Évora: Universidade de Évora. 1980, p. 20.

na CML Azevedo Coutinho e Ribeiro Telles, em 1950 e Sampaio Fontes, em 1953. Esta equipa manteve-se inalterada, até 1957, com a entrada de Manuel Sousa da Câmara (1929-1992) e de Álvaro Ponce Dentinho (1924-2014), em 1959.

Francisco Caldeira Cabral em 1943 definia a profissão de arquiteto paisagista “bem marcada com as preocupações do bem comum, defende a primazia dos valores espirituais sobre os económicos, das soluções permanentes sobre a estreita visão actual, sem antes nem depois”.²⁵

Até 1975, Caldeira Cabral, manteve-se como diretor e professor principal das disciplinas de Arquitetura Paisagista²⁶, tendo recebido o prémio *Fritz Schumacher*, em 1965, na *Technische Universitaet* de Hannover pelo trabalho pioneiro e fundador do ensino superior de Arquitetura Paisagista em Portugal,²⁷ proferindo a conferência intitulada “Paisagem Portuguesa - origem e evolução”, publicada na revista *Arquitectura* n.º 100, de 1967.²⁸ Neste artigo Francisco Caldeira Cabral afirma: “No meio termo estará a solução equilibrada que julgamos poder formular assim: procuremos conservar tudo o que for bom, sem contudo impedir uma verdadeira adaptação às novas circunstâncias. Julgo que a salvaguarda dos antigos valores culturais da paisagem e a sua integração nas novas formas da exploração é uma das mais nobres missões da *Arquitectura Paisagista*”.²⁹



Figura 9, Paisagem Portuguesa - origem e evolução”, in, *Arquitectura*, n.º 100, novembro-dezembro, 1967, p.234-237.

²⁵TELLES, Gonçalo Ribeiro, BRANCO, Cristina Castel, RIBEIRO, Edgar Fontes, MAGALHÃES, Manuela, SARAIA, Maria da Graça - Cinquenta Anos de Ensino de Arquitectura Paisagista do Instituto Superior de Agronomia 1942-1992. **AGROS**. Lisboa: ISA. N.º1 (janeiro-junho 1992), p.42.

²⁶Com a revolução de 1974, numa reunião geral de alunos, realizada em novembro, Francisco Caldeira Cabral foi repudiado, tendo sido exido o seu afastamento da docência e direção do curso. Sobre este assunto ver TELLES, Gonçalo Ribeiro, BRANCO, Cristina Castel, RIBEIRO, Edgar Fontes, MAGALHÃES, Manuela, SARAIA, Maria da Graça - Cinquenta Anos de Ensino de Arquitectura Paisagista do Instituto Superior de Agronomia 1942-1992. **AGROS**. Lisboa: ISA. N.º1 (janeiro-junho 1992), p.43.

²⁷O primeiro a receber este prémio foi Alwin Seifert, de Munique; o segundo foi Heinrich Wiepking, fundador da faculdade de arquitetura paisagista de Hannover.

²⁸CABRAL, Francisco Caldeira – Paisagem portuguesa – Origem e evolução. **Arquitectura: Revista de Arte e Construção**. Lisboa: Rui Mendes Paula. N.º 100 (novembro-dezembro 1967), p.234.

²⁹CABRAL, Francisco Caldeira – Paisagem portuguesa – Origem e evolução. **Arquitectura: Revista de Arte e Construção**. Lisboa: Rui Mendes Paula. N.º 100 (novembro-dezembro 1967), p. 237.

Exposições Nacionais de Floricultura

A primeira edição da Exposição Nacional de Floricultura realizou-se entre os dias 2 e 9 de junho de 1940, na Tapada da Ajuda. Comissariada por Jorge Gomes de Amorim (Chefe da Repartição de Arborização e Jardinagem da CML), André Navarro (nesta altura Diretor do ISA) e Fernando Marques da Costa (Delegado da Repartição de Propaganda e Turismo da Câmara),³⁰ tomando partido da reunião destas três entidades, Portugal “O Jardim da Europa à beira-mar plantado”, verso do poema de Tomás Ribeiro (1862), ilustrou uma das paredes da exposição, servindo de propaganda para as ações da CML quanto à jardinagem e à mensagem que se pretendia passar ao público.

No documentário *Jardins de Lisboa. A 1ª Exposição Nacional de Floricultura*, o destaque inicial foi dado aos jardins de Lisboa considerando-os “obra meritória da Câmara Municipal da cidade” e “formosos locais de repouso onde no meio das flores e das espécies balsâmicas encontram as crianças os mais saudáveis parques de recreio”³¹, só num segundo momento se apresentou a primeira edição da Exposição Nacional de Floricultura.

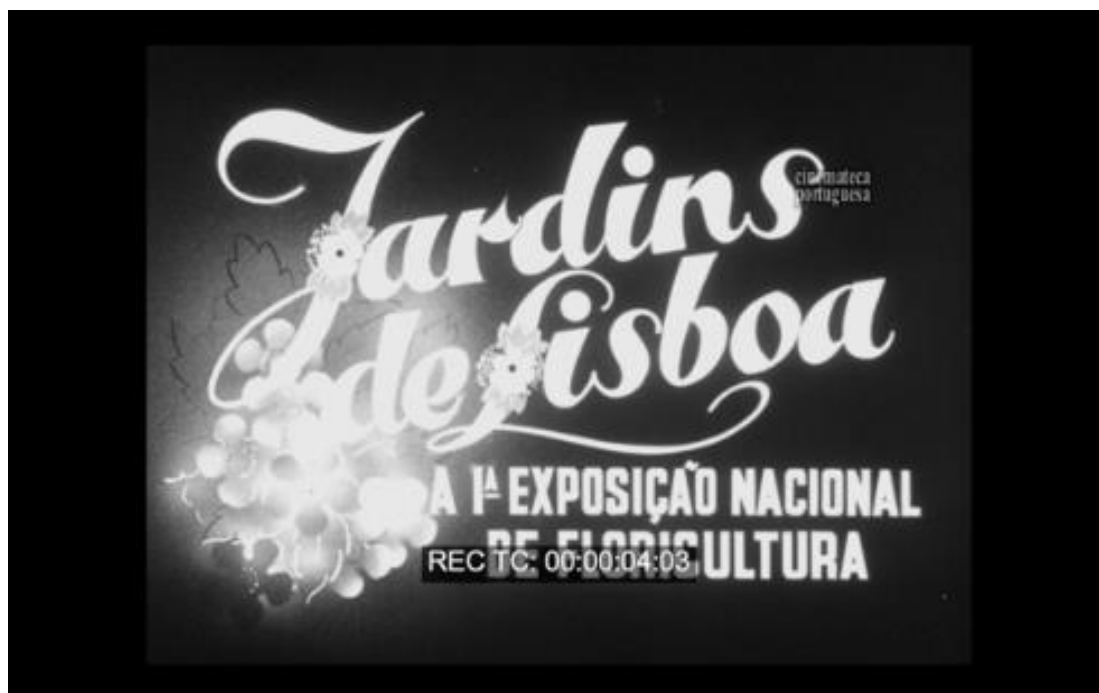


Figura 10, *Frame* do documentário *Jardins de Lisboa. A 1ª Exposição Nacional de Floricultura*, 1941 (4:03). <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=8452&type=Video>.

³⁰Regulamento da I Exposição Nacional de Floricultura organizada pela Câmara Municipal de Lisboa. In GOMES DE AMORIM, Jorge; NAVARRO, André & MARQUES DA COSTA, José - **1ª Exposição Nacional de Floricultura**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1940, p.30.

³¹**Jardins de Lisboa. A 1ª Exposição Nacional de Floricultura** [Registo vídeo]. Lisboa: Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 1941. 35mm, PB, com som (1:28).



Figura 12, *Frame do documentário Jardins de Lisboa. A 1ª Exposição Nacional de Floricultura, 1941* (4:46). <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=8452&type=Video>.

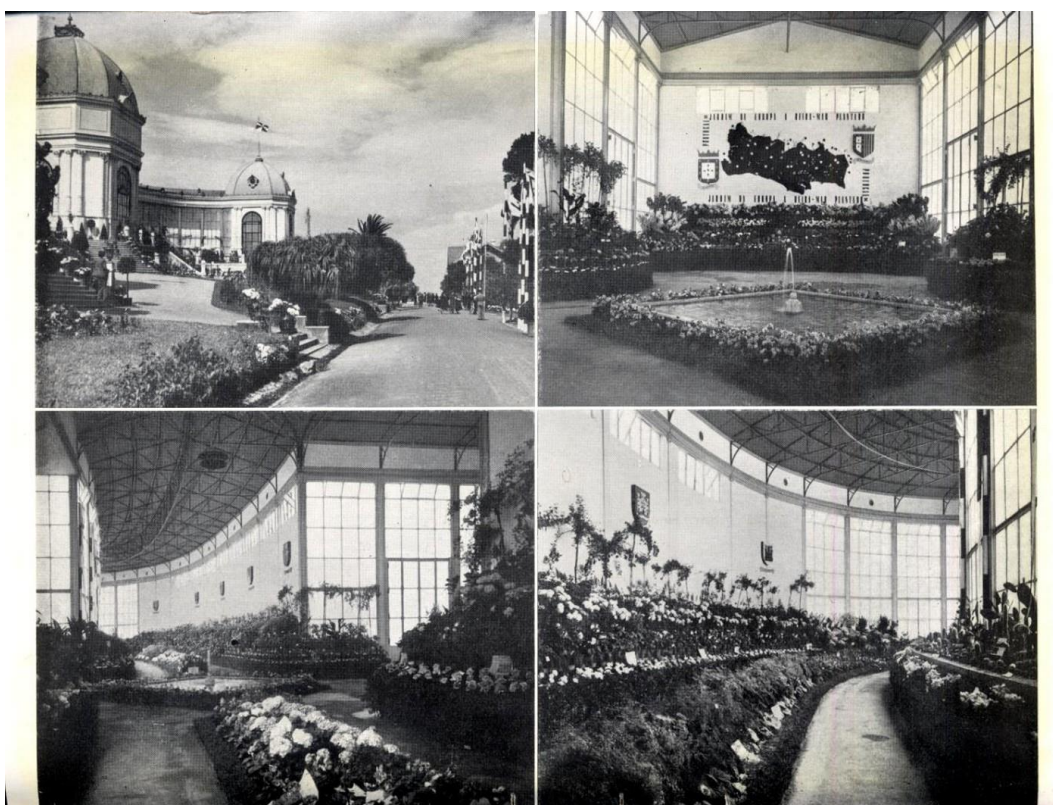


Figura 13, Alguns aspectos da I Exposição Nacional de Floricultura realizada na Tapada da Ajuda a 2 de Junho de 1940, in, *Anais do Município de Lisboa ano de 1940* (1941)



Figura 11, Frame do documentário *Jardins de Lisboa*. A 1ª Exposição Nacional de Floricultura, no qual o eng. Agrónomo, chefe da Repartição de Jardins, mostra ao senhor Presidente da República o açamado de lírios brancos que a cidade de Lisboa oferece ao senhor Presidente do Conselho, 1941.

<http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=8452&type=Video>.

A estas exposições concorreram estabelecimentos do Estado, câmaras municipais, viveiristas, amadores e comerciantes que mostravam os seus melhores exemplares nacionais e internacionais. O esforço despendido, era recompensado com a atribuição de prémios a quem mais se tivesse distinguido em matéria de floricultura.



Figura 14, Cartaz 1ª Exposição Nacional de Floricultura, [design] Roberto Araújo, 1940.

Cartaz 2ª Exposição Nacional de Floricultura, [design] Maria Keil, 1941.

© Biblioteca Nacional de Portugal.

O catálogo da I exposição ofereceu aos visitantes artigos da autoria de ilustres professores e técnicos que versaram assuntos respeitantes à história e às atividades presentes e à importância económica da Floricultura. Quanto às conferências proferidas no ISA focaram pontos de vista importantes para o progresso nacional da floricultura:

“Flores portuguesas, porque as não empregar?”,³² realizada pelo professor Rui Teles Palhinha, no dia 5 de junho; e “Jardins” de Francisco Caldeira Cabral, no dia 8 de junho, onde foi abordada a recente profissão de Arquitetura Paisagista. O professor Fernando Frade, vereador da CML, considerou estas conferências “lições inaugurais da Escola de Jardinagem” em que estavam empenhadas a CML e o ISA, destacando este impulso que deu origem ao curso de jardinagem que, por proposta da CML, foi criado pelo Ministério da Educação Nacional, na Escola Agrícola D. Diniz, garantindo a continuidade da obra iniciada,³³ e no ISA, ao CLAP.

Se por um lado o professor Rui Teles Palhinha abordou o valor das flores portuguesas, Francisco Caldeira Cabral, focou-se nos jardins portugueses, ocupando-se em especial do jardim junto à casa de habitação, mostrando os traços dos jardins através dos tempos, as tendências modernas e a sua relação com os tipos tradicionais de jardins de Portugal. Segundo Caldeira Cabral, as novas soluções procuravam um aproveitamento ótimo do terreno, que as características tradicionais de jardins portugueses já atendiam, destacando o potencial científico e estratégico na criação de pátios e jardins recatados, com pérgulas, latadas, bancos, alegretes, mesas, muros, azulejos, tanques e poços³⁴, que foram sobejamente destacadas na segunda Exposição Nacional de Floricultura:



Figura 15, *Frame* da II Exposição Nacional de Floricultura [Registo vídeo]. Lisboa: Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 1941. 35mm, PB, com som.

<http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=5142&type=Video>.

³²PALHINHA, Rui Telles - **Flores portuguesas, porque as não empregar?**. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1940.

³³CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA - **Anais do Município de Lisboa**. Lisboa: Camara Municipal de Lisboa. 1940, p.27 e VIEGAS DA COSTA, Fernando Frade - Flores portuguesas, retomai o vosso lugar. **Revista Municipal**. Lisboa: Camara Municipal de Lisboa. Vol, 1, nº4 (1940), p.9.

³⁴CABRAL, Francisco Caldeira - **Jardins: conferência por Francisco Caldeira Cabral**. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa. 1940, p.8.



Figura 16, *Frames da II Exposição Nacional de Floricultura* [Registo vídeo]. Lisboa: Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 1941. 35mm, PB, com som.

<http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=5142&type=Video>.

O tema dos jardins portugueses é retomado por Caldeira Cabral, no CLAP³⁵ e na revista *Panorama*,³⁶ caracterizando-os como a “continuação da casa ao ar livre”, realçando a sua intimidade e as características atemporais: as vistas; a implantação da casa; o perfume do jardim; o contraste luz sombra; os motivos decorativos; e na II Exposição Nacional de Floricultura, onde na sua conferência “As flores e o jardim”, termina dizendo: “Não nos interessa porém a cópia desta ou daquela forma que serviu no passado, mas sim conhecer os princípios permanentes que elas exprimem, para com estes concebermos as novas formas do nosso tempo, que não serão a expressão de uma moda qualquer, mas a contribuição que a nossa geração dará à obra permanente da grei”.³⁷

³⁵CABRAL, Francisco Caldeira - Jardins de Portugal (01 fevereiro de 1943). In CABRAL, Francisco Caldeira – **Arquitectura paisagista: Lições proferidas no Instituto Superior de Agronomia. Separata do volume “Conferências realizadas no ano lectivo de 1942-1943”**. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 1943.

³⁶CABRAL, Francisco Caldeira – Em defesa da paisagem continental. Jardins portugueses. **Panorama: Revista Portuguesa de Arte e Turismo**. Lisboa: Secretariado da Propaganda Nacional. Ano 3, nº15-16 (julho 1943), p.66-68.

³⁷CABRAL, Francisco Caldeira - **Fundamentos da Arquitectura Paisagista**. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza, 1993, p.114.



Figura 17, Catálogo da 2ª Exposição Nacional de Floricultura, 1941, p.17-18.

Os membros do governo visitaram a exposição, e Francisco Caldeira Cabral teve a oportunidade de mostrar a exposição ao Presidente da República Óscar Carmona. Este momento ficou registado na revista *Mundo Gráfico* e no documentário *II Exposição Nacional de Floricultura* onde, através do vídeo, se avistam as diferentes espécies apresentadas, a indicação das placas com os nomes dos concorrentes, os prémios e taças, e outros elementos de jardins.



Figura 18, O eng. Rodrigues de Carvalho (presidente da CML), o Presidente da República Óscar Carmona e Francisco Caldeira Cabral (à esquerda); André Navarro e o Primeiro-Ministro Oliveira Salazar (à direita), in, *Mundo Gráfico*, vol. 1, nº17, 15 de junho, 1941, p.20.

O fotógrafo Mário Novais fez o registo fotográfico desta exposição. As suas fotografias foram usadas num artigo da revista *Panorama* (1941) onde se destaca a fotomontagem realizada para a parede de fundo da zona dos prémios e taças. As suas fotografias voltam a ser usadas no número especial da *Revista Municipal*, neste caso as exposições são tomadas para enaltecer Duarte Pacheco, destacando-se a seguinte frase: “Certames

destinados a desenvolver o culto pelas flores e pelas plantas, ao Eng.º Duarte Pacheco ficam as Exposições de Floricultura devendo estímulo e facilidades para a sua realização.”.³⁸

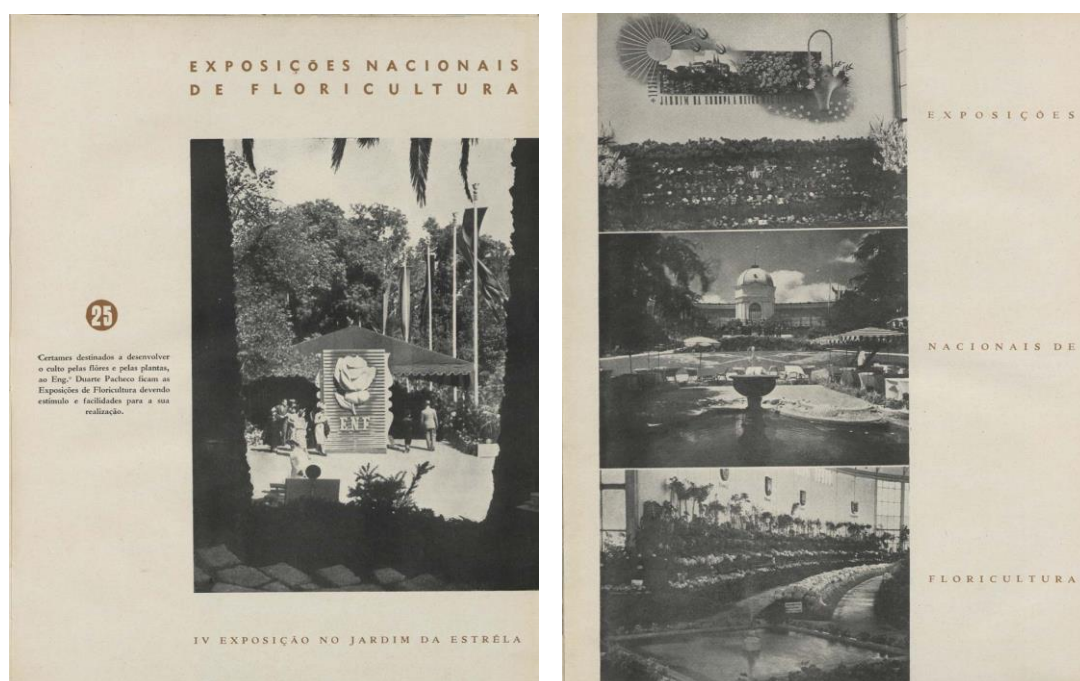


Figura 19, Exposições Nacionais de Floricultura, in, *Revista Municipal*, nº especial, 1944, p.93-94.



Figura 20, Segunda Exposição Nacional de Floricultura” onde se destacam as fotografias e fotomontagem de Mário Novaes, in, *Panorama*, vol.1, nº2, julho, 1941, p.4-5.

³⁸CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA - Exposições Nacionais de Floricultura. *Revista Municipal*. Lisboa: Camara Municipal de Lisboa. Número especial dedicado à memória do engenheiro Duarte Pacheco (janeiro de 1944), p.93.



Figura 21, II Exposição Nacional de Floricultura, Estúdio Mário Novais, 1941.

© Biblioteca de Arte Fundação Calouste Gulbenkian, [CFT003 111262.ic].

<https://www.flickr.com/photos/biblarte/2752801017/in/album-72157606577280953/>

A partir da III Exposição Nacional de Floricultura, realizada em 1942, as iniciativas espaçaram-se, sendo divulgadas na Revista Municipal de Lisboa até à XII Exposição, em 1962, documentada na *Radiotelevisão Portuguesa*. Nesta exposição, realizada na FIL, o pavilhão interior com lagos, repuxos de água, iluminação, diversas espécies de animais, mobiliário de jardim e esculturas, e contou com a vista do Presidente da República Américo Tomás.



Figura 22, Frame do documentário XII Exposição Nacional de Floricultura, 1962

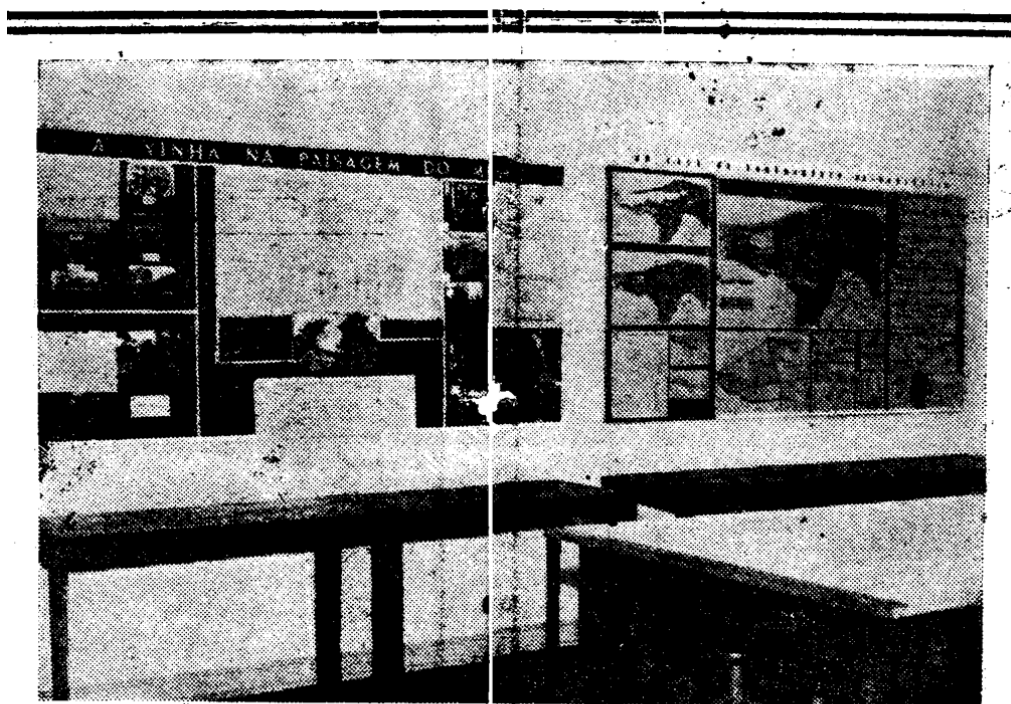
<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/12a-exposicao-nacional-de-floricultura/>

I Exposição de Arquitetura Paisagista (1953, ISA)

Com a sedimentação do Curso Livre de Arquitetura Paisagista, as Exposições de Arquitetura Paisagista foram vitais para a disseminação da evolução das técnicas e das melhores práticas da modernidade internacional promovendo um diálogo contínuo entre a tradição e a modernidade, e realçando a importância da valorização da paisagem urbana na relação entre o homem e a natureza.

Integrada nas comemorações do centenário do ISA, inaugurou-se a 3 de agosto de 1953 as novas instalações escolares e a primeira exposição de Arquitetura Paisagista realizada em Portugal. As instalações inauguradas contaram com uma secção de Arquitetura Paisagista, novos laboratórios convenientemente apetrechados para arboricultura e

viticultura e uma sala de fisiologia vegetal.³⁹ A exposição de Arquitectura organizada pelo professor Francisco Caldeira Cabral, em colaboração com alguns arquitetos paisagistas que frequentaram o CLAP, reuniu “uma interessante seleção de plantas, gráficos e fotografias que demonstram o bom gosto e cuidado de estudo e de realização nesta arte difícil que é a Arquitectura Paisagista e documenta sobejamente quanto os serviços dos arquitetos paisagistas têm contribuído para a valorização e embelezamento de cidades e campos de Portugal”,⁴⁰ incluíram-se estudos referentes ao ordenamento da paisagem, jardins particulares, jardins públicos, parques públicos e urbanismo.



Um aspecto da exposição de arquitectura paisagista

A primeira exposição de arquitectura paisagista que se realiza em Portugal é hoje inaugurada no I. S. A.

Integradas nas comemorações do centenário da instituição do ensino superior agrícola em Portugal, inauguram-se hoje, ao fim da tarde, no Instituto Superior de Agronomia, com a presença de membros do Governo, as novas e modernas instalações construídas no seu interior. Naquele estabelecimento superior de ensino funciona um curso livre, com a duração de quatro anos, sob a orientação do arquitecto-paisagista F. C. Cabral, o primeiro português

Figura 23, A primeira exposição de arquitectura paisagista que se realiza em Portugal é hoje inaugurada no I.S.A, in, *Diário de Lisboa*, 3 de Agosto de 1953, p.8-9.

³⁹DIÁRIO DE NOTÍCIAS - Inauguração duma exposição de Arquitectura Paisagista. *Diário de Notícias* (1953, agosto, 4), p.1 e 4.

⁴⁰DIÁRIO DE NOTÍCIAS - Inauguração duma exposição de Arquitectura Paisagista. *Diário de Notícias* (1953, agosto, 4), p.4.

O ENSINO AGRÍCOLA EM PORTUGAL

INAUGURAÇÃO DUMA EXPOSIÇÃO DE ARQUI- TECTURA PAISAGISTA

No Instituto Superior de Agronomia, realizou-se ontem, ao fim da tarde, a inauguração de novas instalações escolares e a abertura da exposição de arquitectura paisagista. A estas solenidades, que estão integradas nas comemorações do centenario da instituição do ensino agrícola em Portugal, presidiram os srs. ministro das Obras Publicas e subsecretaria.

Figura 24, Inauguração duma exposição de Arquitectura Paisagista, in, *Diário de Notícias*, 4 de Agosto de 1953, p.1 e 4.

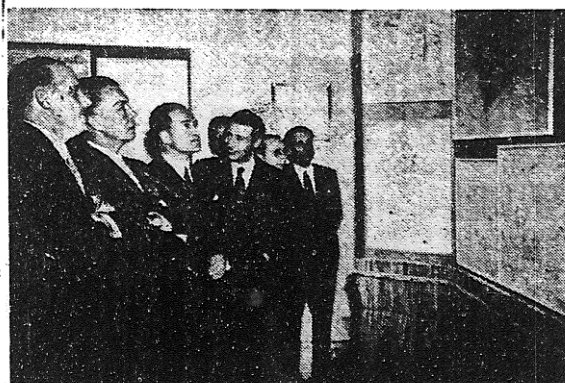
O ENSINO VISITA AGRÍCOLA AO PLANALTO DE ARESTOL

do ministro da Defesa

(Continuado da 1.ª página)

de fisiologia vegetal. A exposição de arquitectura paisagista, a primeira deste genero realizada em Portugal, foi organizada pelo prof. Caldeira Cabral, que tirou a especialidade na Universidade de Berlim e rege o curso livre de arquitectura paisagista no Instituto Superior de Agronomia. Com a colaboração de alguns dos architectos paisagistas, que já ali tiraram o curso desde 1942, o prof. Caldeira Cabral reuniu uma interessante selecção de plantas, gráficos e fotografias que demonstram o bom gosto e o cuidado de estudo e de realização nesta arte difficil que é a arquitectura paisagista e documenta sobejamente quanto os serviços dos architectos paisagistas têm contribuido para a valorização e embelezamento de cidades e campos de Portugal. A exposição ocupa três sa-

SEVER DO VOUGA, 3.—Em missão de estudo, que se prende com a aeronautica militar, esteve hoje de visita ao planalto de Arestol, deste concelho, o sr. coronel Santos Costa, ministro da Defesa Nacional. Era acompanhado pelos srs. coroneis Dias Leite, governador civil de Aveiro, e Costa Macedo, tenente-coronel Jara de Carvalho, major Sousa Ghira, capitão Arantes de Oliveira e dr. Vicente Ferreira. Os visitantes foram recebidos pelos srs. abade José Luciano Lobo da Silva, presidente da Camara Municipal; drs. Deodociano de Figueiredo, Alexandrino Costa e Daniel de Almeida, padre Albano Pimenta e Fernando Lobo. Depois da visita feita ao planalto foi oferecido um almoço aos visitantes e demais convidados num dos hotéis da serra. Partiram com as melhores impressões do local visitado.



Os srs. ministro das Obras Públicas e subsecretário da Educação durante a visita à Exposição de Arquitectura Paisagística

Presidiram os ministros das Obras Publicas e subsecretario de estado da Educação Nacional; assistiram o professor André navarro (diretor do ISA), o diretor geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, o engenheiro Gomes da Silva, o Presidente da CML Salvação Barreto e demais interessados.

Nos projetos expostos, enalteciam-se todos os pormenores esquematizados, “a ponto de serem assinaladas as classificações das espécies vegetais necessárias para o perfeito «funcionamento» do conjunto. Deste modo, o publico poderá fazer uma ideia das mais modernas conceções de arquitetura paisagista, apreciando estes trabalhos que, pela sua originalidade, entre nos vão decerto despertar grande interesse.”⁴¹

Nesse mesmo ano, por despacho ministerial de 23 de outubro de 1953 foi criado no ISA o CEAP (Centro de Estudos de Arquitetura Paisagista),⁴² pelo interesse vivificante da investigação e estudos para a atividade pedagógica. O CEAP organizou conferências e exposições, e ganhou maior visibilidade quando, a partir de 1956 com o apoio da Direção

⁴¹DIÁRIO DE LISBOA – A primeira exposição de arquitectura paisagista que se realiza em Portugal é hoje inaugurada no I.S.A. *Diário de Lisboa*. (3 de agosto de 1953), p.8-9.

⁴²CENTRO DE ESTUDOS DE ARQUITETURA PAISAGISTA - *Memorial do Curso Livre de Arquitectura Paisagista*. Lisboa: Centro de Estudos de Arquitectura Paisagista, 6 de maio de 1968.

Geral dos Serviços de Urbanização da Junta de Colonização Interna e da CML, participa no V Congresso da IFLA (*Internacional Federation of Landscape Architecture*). A criação da IFLA, fundada em 1948, permitiu desde a década de 1950 a participação e a projeção internacional dos arquitetos paisagistas portugueses. Neste âmbito destaca-se a integração de Caldeira Cabral, em 1951, e de Portugal, através do CEAP, em 1957. Caldeira Cabral participou nos congressos de Estocolmo (1952) com Azevedo Coutinho, Edgar Fontes e Fernando Vaz Pinto; Zurique (1956) com Viana Barreto e Gonçalo Ribeiro Telles, no qual organizou a participação portuguesa na exposição itinerante, que em 1957 trouxe a Lisboa.⁴³

Exposição “A Paisagem e a vida moderna” (1957, Palácio Foz do SNI)

Organizado pelo CEAP, com o patrocínio do Ministério das Obras Públicas, da CML e do SNI (Secretariado Nacional da Informação), a exposição internacional de Arquitetura Paisagista “A Paisagem e a vida moderna”, inaugurou-se no dia 23 de março de 1957, no Palácio Foz do SNI. Apresentada pela primeira vez no congresso internacional da IFLA, em Zurique (1956) agrupada como exposição itinerante, Portugal foi primeiro país onde esta Exposição se apresentou.

A exposição teve larga difusão em alguns periódicos destacando-se o *Diário de Lisboa*, *Diário de Notícias*, e as revistas de especialidade *Arquitectura*, e *Agros*. Nestes periódicos acentuava-se o interesse da Arquitetura Paisagista e o interesse da abundante documentação, relacionada diretamente com os trabalhos de urbanização, estradas, aproveitamentos hidroelétricos, instalações industriais, etc., para técnicos e para a generalidade do público.



Figura 25, Uma exposição de pintura paisagística nos salões do S.N.I., in, *Diário de Lisboa*, 23 de março de 1957, p.3.

⁴³ANDRESEN, Teresa – **Francisco Caldeira Cabral**. Reino Unido: LDT Monographs Editorial Board, 2001.

Antes do ato inaugural, destaca-se a conferência de Ulla Bodorff, tesoureira da IFLA, sobre o tema da exposição. Nesta, manifestou o seu parecer sobre a paisagem na vida moderna. No seu entendimento as regiões agrícolas, urbanas, industriais e florestais que formam um todo, criado pelo homem e para o homem, é uma paisagem que só é bela quando constitui um todo harmónico entre a terra, o clima e as atividades humanas que nela se desenrolam, salientando o quanto é perigoso o desequilíbrio destes três fatores. Tais considerações, vão de encontro às palavras professadas por Francisco Caldeira Cabral em 1943, revelando o interesse em todo o mundo à volta da profissão de Arquiteto Paisagista, bem marcada com a preocupação do bem comum, que defende a primazia dos valores espirituais sobre os económicos, das soluções permanentes sobre a estreita visão do atual.⁴⁴

A EXPOSIÇÃO

"A PAISAGEM E A VIDA MODERNA"

FOI INAUGURADA NO S. N. I.

Um dos nossos mais distintos professores, o sr. engenheiro agrônomo Caldeira Cabral, definiu com exactidão a arquitectura paisagista como a arte de ordenar o espaço exterior em relação ao homem. Na sua nitidez, estas palavras tão esclarecedoras explicam suficientemente o vivo interesse que se tem revelado em todo o

Figura 26, A exposição "A Paisagem e a vida moderna" foi inaugurada no S.N.I., in, *Diário de Notícias*, 24 de março de 1957, p.2.



Figura 27, Destaque para a Exposição de Arquitetura no SNI, in, *Agros. Boletim da Associação dos Estudantes do Instituto Superior de Agronomia*, ano XL, nº1, janeiro-fevereiro, 1957, p.146.

⁴⁴TELLES, Gonçalo Ribeiro, BRANCO, Cristina Castel, RIBEIRO, Edgar Fontes, MAGALHÃES, Manuela, SARAIA, Maria da Graça - Cinquenta Anos de Ensino de Arquitectura Paisagista do Instituto Superior de Agronomia 1942-1992. **AGROS**. Lisboa: ISA. Nº1 (janeiro-junho 1992), p.42.

NOTICIÁRIO, EXPOSIÇÕES, CRÍTICA DE LIVROS

EXPOSIÇÃO SOBRE ARQUITECTURA PAISAGISTA

Cuidadosamente organizada, realizou-se no Palácio Foz uma exposição sobre arquitectura paisagística que deve ser considerada como notável, quer pela variedade e amplitude dos trabalhos que se apresentaram, quer pelo número de países representados (Alemanha Ocidental, Inglaterra, União Sul Africana, Áustria, Dinamarca, Estados Unidos, Hungria, Polónia, Portugal, Suécia, Suíça e Jugoslávia).

Antes de anotar algumas características da documentação exposta, convirá assinalar que a conjugação «arquitectura-paisagística» é susceptível de indefinir o tipo de responsabilidades e actividades dos peritos agrónomos: a colaboração eficaz de urbanistas e agrónomos não deixa de mostrar com evidência que, mesmo quanto possível fundidas nessa cooperação, de duas especializações se trata. E o defeito da conjugação «arquitectura-paisagística» está em dar a supor uma unificação utópica onde irresponsabilizam essas especializações.

Os elementos da exposição referiam-se deti-

tava um belo parque na Alta Silésia —, o equilíbrio de certas realizações da Suécia, e, por fim, a Dinamarca, onde têm sido competentemente estudados os parques públicos e infantis.

Terminamos agora: a representação Portuguesa, que, naturalmente, era a mais abundante, possuía boas imagens (por exemplo) do enquadramento paisagístico de novos aglomerados populacionais (Restelo, Olivais, Nova Oeiras). Igualmente se evidenciava a compartimentação da herdade de Motrena com a plantação de floresta em vista do restabelecimento do equilíbrio biológico, e a protecção contra ventos efectuada por uma instalação fabril de Alhandra. Duma maneira geral, verificava-se pela nossa representação a seriedade dos métodos e a competência dos técnicos nacionais nos domínios da agronomia paisagística. Uma prova disso: sem dúvida alguma os estudos referentes à evolução da paisagem no Alto Minho e à influência dos ventos na zona de Oeiras, Cascais e Sintra.

H. Q.

Figura 28, Destaque para a exposição A Paisagem e a vida moderna, in, *Arquitectura*. serie 3, nº59, 1957, p. 41.

Exposição “O Homem e a Natureza” (1966, Fundação Calouste Gulbenkian)

Com a colaboração da Associação de Estudantes de Agronomia, o CEAP organizou, em 1966, uma exposição na Fundação Calouste Gulbenkian subordinada ao tema “O Homem e a Natureza” e um colóquio de Arquitetura Paisagista, que mais tarde apresentou em Madrid⁴⁵. A exposição, com programação de Artur Nobre de Gusmão (1922-1999), inicialmente prevista para 11 a 13 de abril de 1966, foi realizada de 13 a 15 de abril, iniciando-se com a leitura de um texto do comissário Francisco Caldeira Cabral sobre “O Arquitecto Paisagista na construção do futuro”. Neste âmbito, numa entrevista ao *Diário Popular*, Francisco Caldeira Cabral enaltece a importância da Arquitetura Paisagista: “A arquitetura paisagista é uma das ciências fundamentais dos tempos modernos, pois os seus objetivos incidem sobre o ordenamento do espaço exterior em relação ao homem. As solicitações da vida actual, as noções de tempo, que sofreram alterações sensíveis, o ritmo, a cor – todos esses elementos constituem bases de estudo a que se dedicam os especialistas da ciência contemporânea”⁴⁶, destacando os arquitetos paisagistas que se formaram em Portugal e iniciaram a sua atividade na CML, na Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, na Junta de Colonização Interna, na Junta Autónoma de Estradas e na Junta de Povoamento de Moçambique.

⁴⁵ TELLES, Gonçalo Ribeiro, BRANCO, Cristina Castel, RIBEIRO, Edgar Fontes, MAGALHÃES, Manuela, SARAIA, Maria da Graça - Cinquenta Anos de Ensino de Arquitectura Paisagista do Instituto Superior de Agronomia 1942-1992. **AGROS**. Lisboa: ISA. Nº1 (janeiro-junho 1992), p.42.

⁴⁶ Uma arte jovem (mas já perfeitamente adulta): a Arquitectura-Paisagística. O Prof. Caldeira Cabral ao “Diário Popular”. As pressões da sociedade justificam a importância de uma ciência moderna – a arquitectura-paisagística, in, *Diário Popular*, 15 de março de 1966, p.1 e 11.



Figura 29, Uma arte jovem (mas já perfeitamente adulta): a Arquitectura-Paisagística. O Prof. Caldeira Cabral ao “Diário Popular”. As pressões da sociedade justificam a importância de uma ciência moderna – a arquitectura-paisagística, in, *Diário Popular*, 15 de março de 1966, p.1 e 11.

Os documentos escritos e fotográficos do arquivo do Serviço de Belas-Artes do Arquivo Gulbenkian indicam a sua natureza documental e a sua montagem em painéis expositivos, apresentando trabalhos nas categorias: paisagem rural, rural e urbana, urbana e industrial; enquadramento e valorização de monumentos, recuperação de paisagens e trabalhos escolares, que procuravam representar um ponto culminante na relação entre o homem e o meio ambiente.

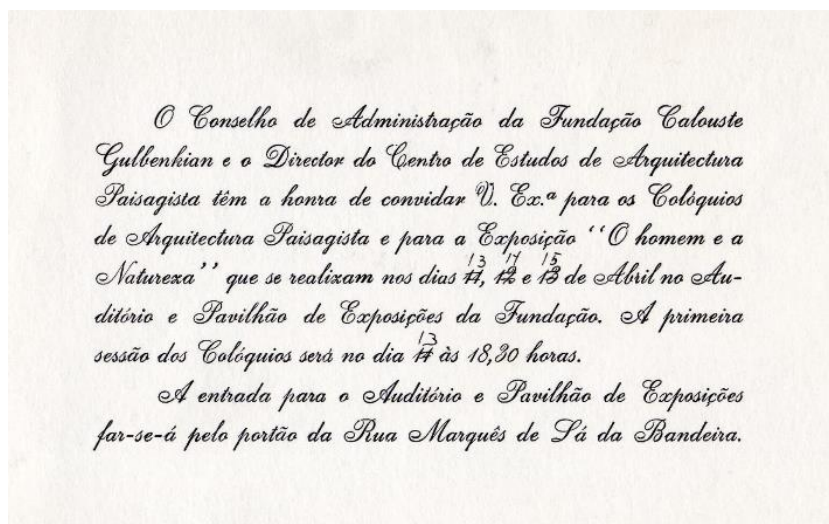


Figura 30, Convite para os Colóquios e para a exposição O Homem e a Natureza, 1966.
© Arquivos Gulbenkian (Serviço de Belas-Artes), Lisboa / SBA 25452.
<https://gulbenkian.pt/historia-das-exposicoes/graphic-materials/51/>



Figura 31, Aspeto da exposição O Homem e a Natureza, Pavilhão Temporário da Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.

© Arquivos Gulbenkian (Serviço de Projectos e Obras), Lisboa / I04-028-012.
<https://gulbenkian.pt/historia-das-exposicoes/exhibitions/120/>



Figura 32, Aspeto da exposição O Homem e a Natureza, Fundação Calouste Gulbenkian, (1966).

© Arquivos Gulbenkian (Serviço de Projectos e Obras), Lisboa / I04-032-009.
<https://gulbenkian.pt/historia-das-exposicoes/exhibitions/120/>

Considerações finais

O período de maior dinamismo na cultura de jardins surge num contexto de grandes transformações políticas, sociais e culturais ao longo do século XX, onde se destaca a década de 1940. Com a implantação do Estado Novo, a propaganda foi uma oportunidade para exaltar as máximas do regime. Neste contexto, as flores e os símbolos de jardins foram utilizadas como propaganda. O renovado interesse pela floricultura e pela jardinagem impulsionou a Câmara Municipal de Lisboa a retomar e desenvolver projetos de jardins e a formar e integrar técnicos especializados nos serviços de Arborização e Jardinagem. O debate destes domínios, potenciou o início das Exposições Nacionais de Floricultura, realizadas em Lisboa entre 1940 e 1962, nas quais se davam a conhecer as flores, os debates e técnicas contemporâneas, nacionais e internacionais; e também a apresentação e lançamento da Arquitetura Paisagista. Este momento auspicioso deu origem ao programa de estudos de Arquitetura Paisagista no Instituto Superior de Agronomia: o Curso Livre de Arquitetura Paisagista, criado em 1942 por Francisco Caldeira Cabral, que formou a primeira geração de Arquitetos Paisagistas portugueses que integraram os serviços municipais. A participação destes Arquitetos Paisagistas em exposições internacionais da especialidade, promoveu um diálogo contínuo entre modernidade internacional e o contexto português, motivando a criação de Exposições de Arquitetura Paisagista realizadas em Portugal que procuravam revelar ao público em geral o interesse e os projetos pela profissão que numa visão holística procurava o equilíbrio entre a natureza e o homem. O sucesso destas exposições foi também traçado através do impacto na imprensa onde se publicaram notícias sistemáticas sobre estes eventos, incluindo os discursos realizados por políticos e especialistas.

Bibliografia

ALVES, António; ESTÁCIO, Fernando; MOREIRA, Ilídio; e SOUSA, Edgar - **O instituto superior de agronomia na segunda metade do século XX**. Lisboa: ISA Press. ANDRESEN, Teresa – **Francisco Caldeira Cabral**. Reino Unido: LDT Monographs Editorial Board, 2001

ANTUNES, Ana Catarina Dias Santos – **A influência alemã na génese da Arquitetura Paisagista em Portugal**. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2019. Tese de doutoramento em arquitetura paisagista e ecologia urbana.

ALEGRIA, Cristina do Amaral Tavares Proença – **O modernismo na arquitetura e na arquitetura paisagista em Portugal: Projetos conjuntos, ideias, contextos, formas**. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2012. Dissertação de mestrado em arquitetura.

BARRETO, Francisco Maria Marques de Aguiar Salvação – **Contributo para a história da Arquitectura paisagista em Portugal: Arquitecto paisagista António Facco Vianna Bareto**. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia, 2011. Dissertação de mestrado em arquitectura paisagista.

BRANTZ, Dorothee & Dumpelmann, Sonja- **Greening the City: Urban Landscapes in the Twentieth Century**. Virginia: University of Virginia (2011)

CABRAL, Francisco Caldeira - **Fundamentos da Arquitectura Paisagista**. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza, 1993.

CABRAL, Francisco Caldeira - **Jardins: conferência por Francisco Caldeira Cabral**. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa. 1940.

CABRAL, Francisco Caldeira – **Arquitectura paisagista: Lições proferidas no Instituto Superior de Agronomia. Separata do volume “Conferências realizadas no ano lectivo de 1942-1943”**. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 1943.

CABRAL, Francisco Caldeira – Em defesa da paisagem continental. Jardins portugueses. **Panorama: Revista Portuguesa de Arte e Turismo**. Lisboa: Secretariado da Propaganda Nacional. Ano 3, nº15-16 (julho 1943), p.66-68.

CABRAL, Francisco Caldeira – Paisagem portuguesa – Origem e evolução. **Arquitectura: Revista de Arte e Construção**. Lisboa: Rui Mendes Paula. Nº 100 (novembro-dezembro 1967), p.234-237.

CABRAL, Francisco Caldeira - Lição do Prof. Francisco Caldeira Cabral. In: **Sexto Aniversário da Universidade de Évora Restaurada - Comemoração**. Évora: Universidade de Évora. 1980

CABRAL, Francisco Caldeira – A profissão de Arquitectos Paisagistas: Sua evolução. **Jornal da Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas**. Lisboa: Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas. Nº 0 (junho de 1984).

CAMARA, Maria Teresa – **Contributos da Arquitetura Paisagista para o espaço público de Lisboa (1940-1970)**. Porto, Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2015. Tese de doutoramento em arquitetura paisagista e ecologia urbana.

CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA - **Anuário da Camara Municipal de Lisboa, ano primeiro 1935**. Lisboa: S. Industriais da C.M.L., 1936.

CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA - **Anuário da Camara Municipal de Lisboa, ano segundo 1936**. Lisboa: S. Industriais da C.M.L., 1937.

CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA - **Anuário da Camara Municipal de Lisboa, ano terceiro 1937**. Lisboa: S. Industriais da C.M.L., 1938.

CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA - **Anais do Município de Lisboa ano de 1938**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1939.

CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA – Parques e Jardins de Lisboa. **Revista Municipal**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Ano I, nº2 (1939) p.64A-66.

CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA - **Anais do Município de Lisboa ano de 1939**, Lisboa: Camara Municipal de Lisboa, 1940.

CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA – Parque Florestal de Monsanto. **Revista Municipal**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Ano II, nº6 (1940) p.54A-57.

CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA - **Anais do Município de Lisboa ano de 1940**. Lisboa: Camara Municipal de Lisboa, 1941.

CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA – Jardins de Lisboa: O Jardim Guerra Junqueiro - Estrela. **Revista Municipal**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Ano II, nº10 (1941) p. 38A-40.

CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA - Exposições Nacionais de Floricultura. **Revista Municipal**. Lisboa: Camara Municipal de Lisboa. número especial dedicado à memória do engenheiro Duarte Pacheco (janeiro de 1944).

CASANOVA, Ruy –Exposição do Mundo português. **Panorama: Revista Portuguesa de Arte e Turismo**. Lisboa: Secretariado de Propaganda Nacional. Ano 1, nº1 (junho 1941), p.15-17.

CENTRO DE ESTUDOS DE ARQUITETURA PAISAGISTA - **Memorial do Curso Livre de Arquitetura Paisagista**. Lisboa: Centro de Estudos de Arquitetura Paisagista, 6 de maio de 1968.

CENTRO DE ESTUDOS DE ARQUITECTURA PAISAGISTA “PROF. CALDEIRA CABRAL” – **Caracterização da Arquitectura Paisagista em Portugal**. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia, 2010.

DIÁRIO DE LISBOA – A primeira exposição de arquitectura paisagista que se realiza em Portugal é hoje inaugurada no I.S.A. **Diário de Lisboa**. (3 de agosto de 1953), p.8-9. DIÁRIO DE LISBOA - Uma exposição de pintura paisagística nos salões do S.N.I.. **Diário de Lisboa**. (23 de março de 1957), p.3.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS - Inauguração duma exposição de Arquitetura Paisagista. **Diário de Notícias** (1953, agosto, 4), p. 1 e 4.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS – A exposição “A Paisagem e a vida moderna” foi inaugurada no S.N.I.. **Diário de Notícias**. Lisboa: Ariosto Saturnino. (24 março 1957), p.2.

DIÁRIO POPULAR - Uma arte jovem (mas já perfeitamente adulta): a Arquitectura-Paisagística. O Prof. Caldeira Cabral ao “Diário Popular”. As pressões da sociedade justificam a importância de uma ciência moderna – a arquitectura-paisagística. **Diário Popular**. Lisboa: R. Pinheiro de Oliveira. (15 março 1966), p. capa e 11.

GARCIA, José Luís; ALVES, Tânia; LÉONARD, Yves (Eds.) - **Salazar, o Estado Novo e os media**. Lisboa: Edições 70, 2017.

GOMES DE AMORIM, Jorge; NAVARRO, André & MARQUES DA COSTA, José - **1a Exposição Nacional de Floricultura**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1940.

LOBO, J - Figuras e factos. **Mundo Gráfico**. Lisboa: Rocha Ramos. Vol 1, nº17 (1941 junho, 15), p. capa, 19-20.

MAGALHÃES, Manuela Raposo – Entrevista a Francisco Caldeira Cabral. In Associação Portuguesa dos Arquitetos Paisagistas - **Francisco Caldeira Cabral, memórias do mestre no centenário do seu nascimento**. Lisboa: Argumentum. 2009.

MARQUES, Teresa Dulce Portela – **Dos jardineiros paisagistas e horticultores do Porto de Oitocentos ao modernismo na arquitectura paisagista em Portugal**. Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, 2009. Tese de doutoramento em arquitectura paisagista.

NUNES, Odete Parreira – **O Arquitecto Paisagista em Portugal: a construção do grupo profissional e o seu regime justificativo de acção perante a legislação que o “regula”**. Lisboa: Faculdade de ciências sociais e humanas: universidade nova de lisboa, 2011. Dissertação de mestrado em sociologia do território, da cidade e do ambiente.

PALHINHA, Rui Telles - **Flores portuguesas, porque as não empregar?**. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1940.

PAULO, Heloísa – **Estado Novo e propaganda em Portugal e no Brasil. O SPN/SNI e o DIP**. Coimbra: Livraria Minerva (1994).

PINTO, Mariana Abranches – **O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral: Construção do pensamento teórico em arquitetura paisagista**. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2014. Dissertação de mestrado em arquitetura paisagista.

Q., H. – Noticiário, exposições e crítica de livros: Exposição sobre Arquitectura Paisagista. **Arquitectura: revista de arte e construção**. Lisboa: Rui Mendes Paula. Nº59 (1957), p.41.

R.M. - Noticiário, Exposições e Crítica de Livros. **Arquitectura**. Lisboa: Rui Mendes Paula. Serie 3, nº059 (1957), p. 41.

RODRIGUES, Ana Duarte & GARCIA-PEREDA, Ignacio – Exposições de flores para um regime nacionalista: a propaganda e a imprensa na ditadura portuguesa da década de 1940. In SIMÕES, Ana & DIOGO, Maria Paula - **Guia CIUHCT de História das Ciências e Tecnologia. Os Primeiros 15 anos, 2007-2022**. 1ª edição. Lisboa: Edições Colibri, 2022. p.389-414

RODRIGUES, Ana Duarte - **O triunfo dos jardins. O pelouro dos passeios e arvoredos de Lisboa (1840-1900)**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal (2020), p.23.

SANTOS, Aurora – A Câmara Municipal de Lisboa na transição da República para o Estado Novo: as reorganizações dos serviços municipais (1925-1938). In **Cadernos do Arquivo Municipal**. Lisboa: Camara Municipal de Lisboa, 2007. Serie I, vol.9, p.147-162.

SILVA, Maria Matos, CASTEL-BRANCO, Cristina, NUNES, João Ferreira, RIBEIRO, Luis Paulo, & Andresen, Teresa (Eds.) - **Portuguese Landscape Architecture Education, Heritage and Research: 80 Years of History**. Londres: Routledge (2024).
SOROMENHO, Castro – segunda Exposição Nacional de Floricultura. **Panorama: Revista Portuguesa de Arte e Turismo**. Lisboa: Secretariado de Propaganda Nacional. Vol. 1, nº2 (julho 1941), p.4-5.

TELLES, Gonçalo Ribeiro, BRANCO, Cristina Castel, RIBEIRO, Edgar Fontes, MAGALHÃES, Manuela, SARAIA, Maria da Graça - Cinquenta Anos de Ensino de

Arquitectura Paisagista do Instituto Superior de Agronomia 1942-1992. **AGROS** nº1 janeiro-junho 1992.

TELLES, Gonçalo Ribeiro – A importancia actual da vegetacao na cidade. **Agros. Boletim da Associação dos Estudantes do Instituto Superior de Agronomia**. Lisboa: ISA. Ano XL, nº1 (janeiro-fevereiro 1957), p. 137-146.

VIEGAS DA COSTA, Fernando Frade - Flores portuguesas, retomai o vosso lugar. **Revista Municipal**. Lisboa: Camara Municipal de Lisboa. Ano 1, nº4 (1940), p. 6D-10.

VITERBO, Sousa - **A jardinagem em Portugal. Apontamentos para a sua história**. Coimbra: Imprensa da universidade (1906)